Esquerda Socialista

Director: Augusto Mateus | Órgão do Movimento de Esquerda Socialista | Ano I - 13 Março de 1975 | Preço 1$00

NUMERO ESPECIAL

11 DE MARÇO
DERROTADO O GOLPE REACCIONÁRIO

O golpe reaccionário de 11 de Março, travado pela acção das massas populares dos oficiais progressistas do M. F. A., dos soldados e dos marinheiros, veio mostrar que **a reacção capitalista enquanto não for completamente aniquilada não hesitará em recorrer a todos os meios para perpetuar a ditadura autoritária e repressiva da burguesia.**

O golpe reaccionário de 11 de Março mostra a necessidade de se avançar no **saneamento completo e radical, civil e militar**, ultrapassando definitivamente os limites ridículos que a acção dos reaccionários, as hesitações e o não aproveitamento dos momentos decisivos de luta têm criado. Só o tratamento implacácel dos militares golpistas, a execução dos cabecilhas será a garantia de que o saneamento será levado até às suas últimas consequências.

A situação criada, só se for aprofundada decisivamente em favor dos interesses e da iniciativa dos trabalhadores e das massas populares, contribuirá para reforçar as conquistas políticas do 25 de Abril e do 28 de Setembro, para institucionalizar todas as conquistas da classe operária e das massas trabalhadoras e **para destruir finalmente, e de vez, a base económica e social do fascismo que até aqui se manteve praticamente intacta.**

Actuar de acordo com a situação que vivemos é tomar as medidas concretas de ataque ao capital, ultrapassando o programa económico de compromisso de classes que mantinha intacto o poder económico, isto é:

A nacionalização sob controlo dos trabalhadores da banca privada e dos seguros, dos sectores básicos da indústria, do comércio externo e do comércio interno por grosso dos produtos essenciais e a expropriação dos latifúndios.

Mas as nacionalizações só servirão os trabalhadores se forem por eles controladas directamente e não apenas através dos sindicatos. No processo de nacionalizações que temos de levar por diante não só os representantes sindicais têm de ser designados em amplas assembleias como não dispensam a existência de representantes directos dos trabalhadores em cada local de trabalho.

Só atacando o capital e desarticulando os grupos financeiros, só levando o saneamento civil e militar às suas últimas consequências, só ultrapassando o programa económico conciliador se farão os avanços que esta situação impõe.

A clarificação política que temos de levar por diante impõe:

A ilegalização dos partidos ligados ao golpe reaccionário e desde sempre à reacção capitalista, C. D. S. e P. D. C.

Impõe a marginalização do partido capitalista P. P. D. que pela sua actuação provocatória para os trabalhadores e para as suas organizações não pode ser poupado.

Impõe o desmascarar do partido social democrata P. S. que, ligado ao imperialismo europeu, tem tido uma actuação que serve objectivamente o avanço da reacção capitalista.

Impõe a ultrapassagem dos limites que o projecto reformista tem imposto ao avanço do processo revolucionário.

A verdadeira aliança massas populares/M. F. A. tem de sair fortalecida desta situação para que o processo revolucionário avance efectivamente: oficiais progressistas e trabalhadores em luta e em movimento têm de estar juntos não só no combate ao fascismo e à reacção, mas também ao capitalismo e ao imperialismo.

Só o avanço do movimento de massas anticapitalista pode ultrapassar os limites que o processo eleitoral sempre imporá à luta dos trabalhadores e tornar irreversíveis as conquistas populares.

Reforçar a luta operária em torno de objectivos claramente políticos, fortalecer as comissões de trabalhadores e de moradores na cidade e nos campos, lançar um sindicalismo de classe, são os pontos de apoio da luta pelo poder operário e popular decisiva na situação actual para que a classe operária e os seus aliados enfrentando os seus problemas mais imediatos, como o desemprego e a subida do custo de vida, avancem para o socialismo.

Saneamento radical, civil e militar!

Execução dos militares golpistas!

Medidas concretas de ataque ao capital!

Abertura do M. F. A. aos milicianos soldados e marinheiros!

Ilegalização do C. D. S. e P. D. C.!

Oficiais progressistas do M. F. A. e trabalhadores em luta contra a reacção e o capital — Pelo avanço do processo revolucionário!

O secretariado da C. P. N. do M. E. S. 12/3/75

SAUDAÇÃO

O Movimento de Esquerda Socialista saúda todos os militares que resolutamente fizeram frente à agressão fascista de 11 de Março.

Saúda especialmente os soldados, marinheiros e oficiais, que soberam desobeder às ordens de agressão fascista contra o Povo, o que contribuiu para o malogro da intentona e de certo contribuirá para novos e decisivos avanços na luta contra a opressão e exploração capitalista.

O Movimento de Esquerda Socialista manifesta a sua completa solidariedade aos homens do RAL 1 a quem acompanham na dor pelo camarada morto.

Data de há muito a luta dos trabalhadores da T.A.P.

Vítimas da mais dura repressão fascista nos tempos de Salazar e de Caetano, não foi para eles que no 25 de Abril findou a calúnia e prepotência: também o spinolismo os reprimiu, à antiga portuguesa, com a ocupação militar de que foram vítimas em 74.

Para Salazar, para Caetano, para Spínola, a «ordem pública» tinha de ser exigida ao «bom povo» para «bem da nação».

Salazar morreu, Caetano «emigrou» e Spínola fugiu... Na T.A.P., os trabalhadores mantêm a determinação firme de não abandonar a sua justa luta, dando-lhe a forma que melhor entenderem servir os seus intentos e que no imediato se resumem à luta pelo saneamento, por melhores condições de vida e justiça interna, na ampla perspectiva de fazer avançar a luta de todos os explorados e oprimidos contra o capital e a reacção.

Os trabalhadores da T.A.P. têm sabido não só organizar-se e atacar internamente o poder capitalista como responder com outros actos, mesmo que não

Continua na pág. 4

TRABALHADORES, SOLDADOS, OFICIAIS PROGRESSISTAS DO M.F.A.: EM FRENTE!

SANEAMENTO! ATAQUE AO CAPITAL!

MES

TRABALHADORES NA RUA RESPONDEM AO GOLPE

Beja

Mal foi conhecida em Beja a tentativa de golpe reaccionário, os partidos políticos lançaram apelos para que as pessoas abandonassem os empregos e viessem para a rua em apoio ao M. F. A., exercendo vigilância e estando a postos para o caso de ser necessário entrarem em acção.

A população manteve-se em massa na rua durante todo o dia concentrando-se nas praças principais e junto ao quartel seguindo atentamente o evoluir dos acontecimentos, pronta a intervir se tal se mostrasse necessário.

Também para a noite foram organizados piquetes que se mantiveram em permanente vigilância.

Coimbra

Logo que houve conhecimento do ataque ao R. A. L. 1, englobado na tentativa reaccionária de impedir o avanço do processo revolucionário, o Secretariado da Organização Regional do Centro do M. E. S. emitiu um comunicado em que apelava para que as classes trabalhadoras ocupassem a rua e aí lutassem pela defesa dos seus interesses contra a burguesia e os militares golpistas, seus lacaios.

Tal como o M. E. S., outras organizações progressistas convocaram os seus militantes, simpatizantes e a população em geral, para que tomassem a rua. Assim cerca das 15 e 30 horas, enorme multidão se dirigiu para o Quartel-General manifestando a sua adesão ao M. F. A. e a sua determinação de que o processo revolucionário não poderá ser bloqueado nem desvirtuado.

A manifestação foi engrossando com a chegada de trabalhadores que abandonavam os seus locais de trabalho, dirigiu-se para defronte do Quartel da C. I. C. A. 4, onde um oficial desta unidade agradeceu a manifestação de apoio ao M. F. A.

Entretanto outros populares interditavam os aeródromos de Cernache (onde impediram a aterragem de um avião com matrícula pintada) e da Lousã. Corresponde à solicitação do M. F. A. foram montadas barragens às entradas e saídas da cidade. Nesta acção o M. E. S. esteve empenhado assim como outras forças de esquerda.

Às 19 horas realizou-se um comício na F. N. A. T. convocada pela União dos Sindicatos com a adesão do P. C., P. S., P. P. D. e M. D. P.. **O M. E. S. não esteve presente porque não adere a iniciativas em que estejam presentes representantes da burguesia e do imperialismo** (P. P. D. e seus aliados sociais-democratas).

O S. O. R. C. do M. E. S. no seguimento da intervenção que tem vindo a ter, no desenvolver do processo, convoca os trabalhadores e à população de Coimbra em geral para uma manifestação, dia 12 às 19 horas para assinalar a vitória abtida pelas massas populares em íntima aliança e cooperação com o M. F. A. sobre mais esta tentativa reaccionária. Nesta manifestação pretende-se que fique bem expresso o desejo inquívoco das massas populares de ver castigados os conspiradores contra-revolucionários e que sejam tomadas medidas tendentes ao avanço do processo revolucionário para que se caminhe decisivamente para o Socialismo.

Pela aliança revolucionária Povo/M. F. A.

Pelo poder operário e popular

Pela democracia proletária

Covilhã

Cerca das 14 horas, tendo militantes dos partidos políticos de esquerda percorrido às fábricas a informar do que se passava, foi o trabalho paralisado, tendo-se os trabalhadores concentrado na Praça do Município.

Entretanto, o aeroporto foi barricado com carros para impedir a aterragem de aviões.

Cerca das 17 horas, estando já concentrados vários milhares de pessoas, realizou-se um comício em que falaram membros das várias organizações que tinham convocado as pessoas.

O representante do M. E. S. acentuou a necessidade de desenvolver a organização dos trabalhadores, única garantia real contra os golpes da direita, e único apoio seguro ao avanço do processo revolucionário em curso.

Para hoje, dia 12, o M. E. S. promoveu uma concentração no jardim municipal, para explicar a sua perspectiva sobre os últimos acontecimentos. Falaram militantes do M. E. S. e de outras organizações de esquerda, tendo o improvisado comício durado até às 17 horas.

Faro

Em Faro a população, seguindo instruções de militantes do MES e do PC, reuniu-se, cerca das 15 horas em frente do quartel. Posteriormente o comandante dirigiu-se à multidão, garantindo que se mantinha fiel ao MFA pelo que podiam voltar ao trabalho.

O MES distribuiu um comunicado em que, depois de fazer a análise política da situação, concluía:

Só desenvolvendo na prática quotidiana a aliança das classes trabalhadoras com os oficiais progressistas do MFA se baterá e esmagará definitivamente a reacção capitalista e se avançará para a construção da sociedade que os trabalhadores desejam: a sociedade socialista.

Pela denúncia activa dos inimigos da classe trabalhadora!

Vigilância popular!

Abaixo a reacção capitalista

Pelo reforço das organizações dos trabalhadores!

Avante pelo socialismo, para construir o comunismo!

Também em Tavira foram montados piquetes e barricadas nos quais os militantes do núcleo do nosso movimento participaram activamente.

Lisboa

O golpe militar, ontem tentado por elementos da G.N.R., P.S.P. e Força Aérea sob o comando de notórios fascistas a quem até à data se em insistido em chamar democratas, deixou, por certo, muita gente surpreendida.

O saneamento por fazer, no Exército, e fora dele; as medidas indispensáveis de ataque ao poder económico, por tomar; a velada mas cada vez mais aberta ofensiva contra o M.F.A. e as manobras tendentes a isolar o seu sector mais progressista, **conduzidas por fascistas (C.D.S. e P.D.C.) mas secundadas pelos partidos sociais-democratas (P.S. e P.P.D.)** em nome das «liberdades» e da necessidade duma legitimação eleitoral burguesa para o processo revolucionário em curso criavam as condições propícias à actuação dos que, desde o 25 de Abril (e sobretudo após o 28 de Setembro), apenas têm um objectivo: **recuperar para a burguesia aquilo que as classes trabalhadoras souberam arrancar-lhe ao nível da fábrica, do campo, da empresa, da habitação e ao nível político.**

Se as condições propícias ao golpe se iam criando, a verdade é que ninguém contava com ele por enquanto. Pensava-se que a burguesia esperaria pelas eleições, as quais, segundo tudo indicava, lhe reforçariam as posições, ao nível do aparelho de Governo e fora dele, para então tentar uma cartada que teria muito maiores possibilidades de êxito.

Assim, a emissão de R.C.P., bem como o voo rasante de aviões e os disparos que de vez em quando se ouviam, terão surpreendido mesmo aqueles que não tinham dúvidas quanto à gravidade da situação que se estava a criar.

Alertadas por estes acontecimentos as massas trabalhadoras imediatamente se mobilizaram, entrando em contacto com as sedes dos partidos políticos e com os sindicatos, ouvindo avidamente as informações da rádio, tentando descortinar qual a forma mais correcta de agir na urgência de contribuir para o esmagamento do golpe contra-revolucionário.

Foi neste aspecto, na divulgação das informações existentes, na organização das massas e na indicação dos locais onde mais importante se tornava a sua presença para pressionar as tropas rebeldes, (algumas delas enganadas pelos seus comandantes) a uma tomada de posição ao lado do M.F.A., que foi importante a presença e a acção dos militantes das organizações políticas de esquerda.

Os militantes do M.E.S., como o fizeram militantes de outras organizações, dividiram-se por várias zonas de Lisboa (Entrecampos, Sete Rios, Moscavide, Calçada de Carriche, Baixa), informando, mobilizando, organizando e, mais tarde, convocando para uma manifestação que partiria do Campo Pequeno para demonstrar o apoio da população de Lisboa ao M.F.A. e o seu firme intento de fazer avançar o processo revolucionário.

No final de um informe à população com os dados que na altura tinha em sua posse sobre a intentona, a Comissão Política Nacional do M.E.S., fazia a meio da tarde do dia 11, o seguinte apelo:

Camaradas:

A reacção capitalista não passará. A classe operária, os trabalhadores, os soldados, marinheiros e oficiais progressistas não devem poupar os golpistas e os partidos que com eles colaboram — P.P.D., C.D.S. e P.D.C.

Morte aos militares golpistas!

Armas para o Povo! Todos para a rua!

Soldado Desobedece aos militares golpistas e luta ao lado do povo!

Não às eleições burguesas!

Lutar, criar, poder popular!

As 17.45 — Lisboa, 11 de Março 75

Secretariado da Comissão Política Nacional do Movimento de Esquerda Socialista

TODOS À MANIFESTAÇÃO — HOJE ÀS 20 HORAS — CAMPO PEQUENO

Assim o nosso movimento sem hesitações para a vitória das forças progressistas, em colaboração com todos os que se mostravam interessados em lutar nesse sentido.

Porque pensamos que esta tentativa não é única nem última, e que é apenas uma das ofensivas que o capital desencadeia para tentar evitar reais transformações na nossa sociedade.

Porque pensamos que já é tempo de tornar claro à classe operária e às massas trabalhadoras quem está disposto a pôr-se do seu lado, e onde estão os pontos de clivagem decisivos entre quem são os amigos e quem são os inimigos.

Porque já no 28 de Setembro as ambiguidades verificadas impediram que fossem retiradas todas as lições e porque não vemos razão para serem saudados como vencedores aqueles que nada fizeram pela vitória.

Porque o Partido Socialista, tentando dividir os trabalhadores em nome de «democráticos pluralismos»; lançando histéricas campanhas anticomunistas e quaisquer outras (favoreçam quem favorecerem) desde que isso lhe aumente o número de votos nas eleições (seu único objectivo e razão de existir) demostrou não ser uma organização em quem as massas trabalhadoras possam ter um mínimo de confiança que seja.

O M. E. S. recusou participar numa manifestação com uma frente comum que incluindo o P. S. para além do M. D. P. e do P. C. P. representaria, como representou, uma aliança sem princípios recuperadora das posições anticomunistas e antioperárias do P. S. Uma manifestação com as características que esta apresentava, longe de poder representar a clarificação política necessária ao avanço do processo revolucionário, contribuia, sim, para recompor uma unidade reformista que será incapaz de fazer cair para o lado da classe operária e dos seus aliados a direcção do processo político em curso.

Assim, juntamente com a F. S. P., o M. E. S. organizou uma manifestação autónoma na qual se integrou igualmente a L. C. I. e muitos populares e trabalhadores que também consideravam importante esta clarificação de posições. Seguindo até ao Marquês de Pombal na retaguarda, e mantendo a necessária distância, da manifestação encabeçada pelo P. C. P., P. S. e M. D. P., continuou-se pelo Rato, seguindo finalmente para o Rossio, entoando palavras de ordem como:

Uma só solução: fuzilar a reacção; Spínola, Osório, Galvão, Execução; contra a reacção, contra o capital: Revolução e Lutar, Criar, Poder Popular.

Em frente das sedes do P.P.D. e P.S. o longo cortejo parou demoradamente gritando **Morte ao P.P.D., C.D.S. e P.D.C.** e **O golpe falhou e o P.S. disfarçou.**

A manifestação terminou nos Restauradores com um curto comício no qual falaram elementos das organizações presentes para salientar a necessidade de se tirarem todas as conclusões políticas desta tentativa contra-revolucionária, nos campos do saneamento e das medidas que destruam a base económica de todas as veleidades reaccionárias.

Só a organização autónoma das massas trabalhadoras, só a criação do poder operário e popular em todos os locais onde a exploração se faz sentir, poderão garantir avanços para o socialismo e evitar novos golpes que não se sabe até quando irão sendo dominados!

Porto

No Porto, e à medida que foi tomando conhecimento da intentona reaccionária, a população trabalhadora concentrou-se no centro da cidade, sobretudo nas imediações do Quartel-General, onde a situação se apresentava a todos os títulos normal.

Os bancos foram encerrados na sequência de uma palavra de ordem do Sindicato respectivo.

À medida que as notícias oficiais iam sendo conhecidas, uma onda de indignação foi crescendo em relação aos partidos mais reacionários, onda essa que viria submergir as sedes do C.D.S. e P.D.C..

Convocada para as 19 horas, para a Praça Humberto Delgado, uma grande manifestação de apoio do M.F.A. que terminou em comício, no qual falaram elementos dos partidos organizadores e também do P.S. que não tinha participado na convocação.

Reproduzimos a seguir partes da alocução do nosso camarada Galamba de Oliveira do núcleo do Porto do M.E.S..

Camaradas, trabalhadores:

Hoje já ninguém tem dúvidas!

Com o 25 de Abril iniciou-se o processo revolucionário em Portugal. Os capitalistas, o patronato, as forças da burguesia, levaram uma machadada no poder político, mas continuaram, de pés e mãos, agarrados ao poder económico.

Levantaram a cabeça uma primeira vez com a tentativa de golpe de Palma Carlos, obra da reacção que mais não é do que as forças capitalistas organizadas.

Levantaram uma segunda vez a cabeça no 28 de Setembro, ligados aos Spinolistas, ligados ao PPD. A mobilização das massas populares soube impedir o golpe de estado dos capitalistas. A mobilização no 28 de Setembro constitui mais uma vitória no avanço do processo revolucionário em Portugal.

Mas, camaradas, não podemos esquecer hoje, no dia 11 de Março, aquilo que nos quiseram fazer esquecer no 28 de Setembro: Que os capitalistas continuam de pé e levantarão sempre a cabeça se não atacarmos o capital, se não atacarmos o poder económico, se não os atacarmos onde continuam de pé e onde todos os dias vão preparando novos ataques, novos golpes contrarevolucionários, novos golpes destinados a fazer voltar o fascismo, a fazer voltar e a perpectuar o domínio do capitalismo sobre a classe operária, as massas trabalhadoras, o povo português, o conjunto dos explorados e oprimidos deste país.

Neste momento em que a santa aliança spinolista, em que o CDS e o fascista Freitas de Amaral, em que o PDC e o fascista Osório, em que o PPD e o capitalista Sá Carneiro, no momento em que essa santa aliança spinolista ataca, levanta a cabeça, não nos podemos esquecer que só a iniciativa popular, só a organização dos trabalhadores e do povo, atacando o poder capitalista, poderá criar avanços, poderá dar força e consciência ao processo revolucionário.

Não nos podemos esquecer e temos de o dizer claramente, que os partidos ditos democráticos e até socialistas, cujas direcções atacaram o movimento de massas, desencadearam uma furiosa campanha anticomunista o que favorece, senão nas suas intenções, objectivamente a direita capitalista.

Temos que saber hoje e não podemos esquecer que o caminho para Portugal não está no fascismo, não está na social-democracia, mas sim no avanço irreversível para o socialismo.

Vou terminar: chamo a atenção de que não podemos esquecer tudo o que esquecemos ontem, que só as massas trabalhadoras, avançando com ousadia e audácia, poderão, lutando e criando o poder operário e popular, caminhar para o Socialismo.

LUTAR CRIAR PODER POULAR!

VIVA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA!

VIVA A UNIDADE DAS MASSAS TRABALHADORAS!

COM O SECTOR PROGRESSISTA DO MFA SANEEMOS E EXIJAMOS O JULGAMENTO DOS OFICIAIS REACCIONÁRIOS!

Setúbal

A população de Setúbal ao saber da intentona reaccionária em curso, mobilizou-se amplamente, tendo organizado barricadas, e tendo-se mantido organizada por todo o dia e mesmo à noite.

Aliás os militares do Regimento de Infantaria 11, desde a hora do almoço que garantiram completo apoio à iniciativa popular, pelo que a situação esteve sempre perfeitamente controlada.

Os militantes do M. E. S. em Setúbal participaram activamente na mobilização e esclarecimento das pessoas no decorrer destas motivações. Para o efeito o núcleo do M. E. S. distribuiu amplamente o comunicado que transcrevemos:

«Mais uma vez a reacção fascista-capitalista, com a ajuda da corja de assassinos da P. S. P. e da G. N. R. assim como dos spinolistas, saudosos dos «bons tempos», tentaram, nas costas do povo, vibrar mais um infame golpe reaccionário. Enganaram bons soldados, com falsas informações e conseguiram mesmo fazer sair aviões da base aérea. Mas quando depararam com a organização, expontânea, das massas populares, que fizeram esses valentões? Fugiram! Fugiram para fora do País com medo da justiça popular. Souberam eles, finalmente, que o povo não admite traições e que as farão pagar bem caro.

Justiça popular para todos os traidores!

Morte aos assassinos do nosso povo!

Só a vigilância popular, juntamente com os partidos verdadeiramente revolucionários e com a facção progressista do M. F. A., pode e poderá levar de vencida os cobardes que ousaram disparar e derramar sangue do povo para tentarem conseguir os seus intentos.

Setubalense: só com a tua vigilância, nas barricadas, nas ruas, e em todos os locais de trabalho o capital será levado de vencida.

Só com a vigilância e permanente organização das massas populares, conseguiremos criar em Portugal uma sociedade sem classes.

Ambiguidades ou Certezas ?

Ontem, 11 de Março, mais uma vez foi possível pôr homens do Povo, armados, ao serviço daqueles que não mais pretendem do que explorar esse mesmo Povo, viver à sua custa. Tal é explicável, talvez, dada a despolitização ainda existente em amplos sectores. Tal deve-se talvez, ao facto de até agora terem abundado as ambiguidades, as meias explicações — quem esclareceu claramente o Povo sobre o verdadeiro papel de Spínola no 28 de Setembro? Quem esclarece claramente o Povo sobre os papéis de todos os que fizeram e «cobriram» o 11 de Março?

Ontem, 11 de Março, o primeiro partido a fazer um comunicado a criticar o golpe foi o P. P. D. (...antes que pensassem coisas... ou estariam já dois feitos para o que desse e viesse?). Foi também o primeiro partido a organizar uma manifestação, no Rossio. Só que o Povo (antidemocrático?) não foi em fitas. Não era dia para brincadeiras! E as bandeirolas «populares» e «democráticas» foram ali mesmo destruídas; e os «meninos bem» que as empunhavam foram brincar aos democratas para outro lado.

Será que o Povo começa a distinguir os falsos amigos?

Esquerda Socialista

Admin./Redacção R. Rodrigues Sampaio, 79 r/c, Lisboa T. 535438

SANEAMENTO MILITAR

Militares do R. E. 1, da Pontinha, reunidos em Assembleia Geral de Emergência perante abominável ataque criminoso perpetrado sobre o R. A. L. 1, decidiram:

1 - Louvar a resistência heróica e revolucionária dos camaradas do R. A. L. 1, frente às forças reaccionárias ao serviço do capitalismo;

2 - Louvar a firme posição dos camaradas de outras unidades, bem como das massas populares, de entrave à manobra assassina;

3 - Apoiar os camaradas do R. A. L. 1 exigindo para aqueles que vieram semear sangue entre nós o fuzilamento imediato;

4 - Exigir um efectivo saneamento nas unidades, através da participação activa de todos os militares, de forma a permitir uma democratização de facto das estruturas militares.

Vigilância revolucionária nas unidades.

Acabemos com «Panos quentes».

A legalidade, para nós, é revolucionária.

Fuzilamento já!

Morte ao fascismo!

Morte ao capitalismo!

Ao serviço das classes exploradas venceremos!

(aprovado por aclamação)

11/3/75

CDS/PDC ILEGALIZAÇÃO

Declaração lida hoje, dia 12 pelo nosso representante à Comissão Nacional de Eleições, no início duma reunião dum grupo de trabalho desta comissão.

«Ontem o M.F.A., aliás a sua fracção progressista, deve ter compreendido que não é com tibiezas, com hesitações, com o travar da iniciativa popular de massas, que se consolidam as mais importantes conquistas do Povo Português, após «25 de Abril» e o «28 de Setembro».

Ontem o M.F.A., deve ter compreendido que não é legalizando partidos fascistas, deixando Pides, Legionários e caciques reaccionários à solta, e colocando as mais diversas dificuldades às organizações revolucionárias e prendendo militantes anticapitalistas, que se consolidam aquelas conquistas.

Ontem o M.F.A., deve ter compreendido que só avançando audaciosamente nos campos políticos, económico e militar, se consolidam aquelas conquistas. Que, neste momento isto passe, entre outras medidas, pelo julgamento imediato e inflexível dos reaccionários implicados nos acontecimentos de ontem e pela ilegalização dos partidos fascistas C. D. S./ P. D. C..

Considerando tudo isto, o meu partido declara que este grupo de trabalho, com a sua actual composição, não faz sentido, e **retira-se** até à próxima reunião plenária da Comissão Nacional de Eleições.

JUSTIÇA POPULAR

«Homens das Forças Armadas foram lançados contra homens das Forças Armadas» — afirma Vasco Gonçalves — «é o maior crime que se pode cometer».

«Desta vez há que não ter contemplações» — afirma Otelo Saraiva de Carvalho.

Justiça popular exigem os soldados do R. A. L. 1

Justiça popular exigiram milhares e milhares de vozes em Lisboa, no Porto e nos vários pontos do País.

Mas justiça popular sobre quem?

Há que tratar com toda a firmeza os que ousam brincar com o destino do Povo.

Há que desmascarar o capital explorador, patrocinador e único interessado no golpismo reaccionário.

Há que denunciar as meias tintas e hesitações, **a pretexto de democracia ou outro**, que na prática impedem o saneamento dos fascistas, o castigo dos criminosos e a adopção de medidas decisivas de ataque ao capital.

Há que fomentar a iniciativa e organização autónoma das massas, única capaz de levar por diante as medidas indispensáveis ao avanço do processo revolucionário.

AOS MILITANTES DO MES

A C.P.N. saúda todos os militantes do Movimento de Esquerda Socialista que no decorrer dos acontecimentos de 11 de Março souberam uma vez mais, assumir com firmeza a sua condição de militantes revolucionários decididamente empenhados no combate das massas trabalhadoras contra a reacção capitalista.

BANCA: NACIONALIZAÇÃO SOB CONTROLO DOS TRABALHADORES

Toda a actuação dos mecanismos de controlo do capital financeiro tem-se até agora mostrado completamente inoperante. Os delegados do Banco de Portugal junto da banca privada movem-se no meio de dificuldades muitas vezes determinantes de um completo bloqueio da sua actuação. Tal ineficácia anda ligada, por um lado, à flagrante falta de critérios utilizados na sua nomeação (critérios ideológicos e políticos, bem como de competência técnica, e, por outro, à administração do B. Portugal, incapaz de compreender e impulsionar as novas e essenciais tarefas que os trabalhadores portugueses exigem que o Banco Central realize.

A pesada e repressiva estrutura do B. Portugal, que na sua actuação diária foi sempre o espelho da política fascista, resistiu ferozmente até hoje.

A isso não é estranha a presença, nos seus órgãos administrativos, de indivíduos altamente comprometidos com as práticas habituais do regime fascista nos campos da sua especialidade. Isso o compreenderam sempre os trabalhadores que viram manter-se no Banco dois dos principais obreiros da estrutura actual, Ramos Pereira e Mexia.

A importância do B. Portugal foi, de facto, compreendida pelos defensores do capital que colocaram nos lugares chaves do seu governo indivíduos como o «tecnocrata» Salgueiro, um dos que o fascista Caetano chamou numa tentativa desesperada de dinamizar o decadente capitalismo português.

Por isso, os trabalhadores do B Portugal decidiram o imediato saneamento destes pseudo-democratas e a sua substituição por indivíduos que dêem totais garantias, quer técnicas quer ideológicas.

A banca é o espelho do capitalismo português. O seu monstruo desenvolvimento assenta tanto no sofrimento de gerações de trabalhadores africanos como na exploração dos trabalhadores portugueses.

O domínio completo da banca por parte dos trabalhadores é essencial para o avanço e consolidação das conquistas já conseguidas. Tal domínio, para ser real, tem de assentar na participação de todos os trabalhadores nas decisões e opções fundamentais que se vão seguir.

Não é decerto através de uma mera substituição de administração que tal domínio se conseguirá.

Não é decerto lançando mão alguns tecnocratas marcados por anos e anos de submissão ao capital que tal domínio se concretizará.

Não é através de soluções encontradas nas costas dos trabalhadores que tal domínio será conseguido.

Não é com soluções capitalistas que por completo desprezam a consciência política dos trabalhadores que tal domínio será possível.

Só colocando o capital financeiro ao serviço do povo português será possível a construção do socialismo. Para tal, é necessário a articulação entre os trabalhadores da banca e os demais trabalhadores portugueses.

Só a nacionalização da banca e das companhias de seguros permitirá o total controlo do capital financeiro.

Os trabalhadores têm, no entanto, de estar atentos a um duplo perigo que ameaça a correcta nacionalização da banca e das seguradoras. Devem rejeitar formas como as seguidas em alguns países capitalistas no pós-guerra que vieram permitir que a burguesia continuasse a utilizar em proveito próprio os recursos geridos por essa banca. Devem também rejeitar formas que levam à estabilização da banca, a qual seria impeditiva da sua real participação no controlo do capital financeiro.

Só a constituição de comissões com ampla participação dos trabalhadores garantirá que estes detenham a iniciativa na defesa dos seus reais interesses de classe.

Núcleo do MES do Banco de Portugal

Continuação da pág. 1

TAP

solicitados, quando entendidos úteis à defesa das conquistas populares e democráticas já alcançadas no País.

Foi assim que logo após o desembarque de pára-quedistas no aeroporto, destinados ao golpe reaccionário do dia 11, se organizaram grupos de esclarecimento junto a estas tropas, o que permitiu um trabalho de consciencialização e consequente consciencialização e desmobilização parcial.

Seguiram depois com estas forças para RAL 1, onde continuaram a mesma tarefa enquanto outros camaradas, no aeroporto, formavam piquetes que garantiriam, se necessário, o impedimento de qualquer descolagem, o que aliás se revelou, julga-se, que de muita oportunidade pois havia dois voos de treino e experiência planeados, mas não efectuados, para hora próxima e posterior ao golpe.

É nesta perspectiva que entendemos serem graves e objectivamente divisionistas as palavras proferidas pelo brigadeiro Vasco Gonçalves no seu primeiro comunicado no dia da intentona.

Podendo não ser do agrado do Primeiro-Ministro o conteúdo ou a forma assumida pela luta dos T.A.P., não era por imprecisões e generalidades comparativas e caluniosas a seu respeito que, naquele momento, os trabalhadores esperavam dum homem do M.F.A. apostado em emergência comum.

Se o dia atribulado e grave de 11 de Março pode justificar um improviso menos feliz, esperamos que os momentos calmos e reflexivos dos dias posteriores permitam ao nosso brigadeiro repor a justiça que não teve o seu discurso.

Muito grave é «lançar forças armadas contra forças armadas».

Muito grave é lançar trabalhadores contra trabalhadores!

Jornal semanal — todas as quartas-feira
propriedade de
Movimento de Esquerda Socialista
composto e impresso em
Renascença Gráfica, SARL
Rua Luz Soriano 44, Lisboa

DO GOLPE REACCIONÁRIO À INICIATIVA POPULAR

Como resposta imediata à intentona fascista, as massas populares tomaram iniciativas de rua, de organização e luta, que são prova de capacidade popular para a acção efectiva, o que, contribuindo decididamente nas lutas de hoje, é um passo em frente para a formação de uma consciência popular colectiva e revolucionária que se mostra já como embrião de futuros avanços decisivos para a conquista do poder político pela classe operária e seus aliados e a construção do socialismo.

Relatamos sumariamente alguns acontecimentos relevantes desta iniciativa, sem veleidades de os incluir a todos e, por falta de tempo e espaço sem sequer fazer a tentativa de os explicitar, relacionar ou comentar.

Sublinhamos, no entanto, à partida as acções que nos pareceram mais avançadas nestas movimentações:

— A CONCENTRAÇÃO POPULAR JUNTO AO RAL 1

— A ACÇÃO POPULAR JUNTO AO QUARTEL DO CARMO

— A OCUPAÇÃO DE FÁBRICAS

— AS BARRICADAS E A VIGILÂNCIA POPULAR

— Ataque ao RAL 1 por forças reaccionárias no fim da manhã.

— O Rádio Clube interrompe a emissão por ter sido danificada a sua antena em Porto Alto. Imediatamente Rádio Renascença suspende a sua greve para se por, em colaboração com o Rádio Clube, ao serviço da informação contra a intentona.

— Debaixo de fogo o RAL 1 toma medidas defensivas ao redor da unidade.

— Organizações Políticas Progressistas efectuam larga campanha de esclarecimento e mobilização em vários pontos da capital.

— Concentração de populares frente ao Quartel do Carmo onde se exige Justiça Popular e extinsão da GNR e PSP.

— Grande aglomeração de populares frente à Penitenciária em vigilância apertada à Pide/DGS.

— Mantendo-se vigilantes contra qualquer eventualidade reaccionária, os trabalhadores da TAP interrompem as paralisações previstas e iniciam larga campanha de consciencialização das forças pára-quedistas golpistas que ali tinham desembarcado.

— Formam-se piquetes à porta de fábricas.

— Fazem-se barricadas em Queluz-de-baixo, estrada de Carcavelos-Algueirão, portagem da auto-estrada, Odivelas, Póvoa de Santa Iria, Santa Iria da Azóia, Cacilhas, Ponte 25 de Abril, Sintra e muitos outros pontos controlando assim as entradas e saídas da capital.

— Em Tavira erguem-se barricadas e formam-se piquetes de vigilância.

— Em Castelo Branco erguem-se barricadas.

— Os operários da Lisnave saiem para a rua deixando os delegdos sindicais a ocupar a empresa.

— Em Faro as populações vigilantes cercam o aquartelamento da cidade.

— Os bancários encerram os Bancos para impedir fugas de capitais.

— Surgem as primeiras notícias levando a crer que o golpe abortaria, o PPD faz sair um comunicado de apoio ao MFA e condenação da intentona declarando-se pelas eleições e pela «liberdade». Foi o primeiro comunicado partidário (as organizações progressistas estavam na rua).

— Começam a aparecer as primeiras bandeiras do PS.

— Em Lisboa são invadidas por populares as sedes do CDS e PDC.

— Em Lisboa é convocada pelo PC uma manifestação à qual aderem o PS e o MDP/CDE e onde tomam parte dezenas de milhares de cidadãos.

— O MES e a FSP organizam uma manifestação à qual adere a LCI e que movimenta alguns milhares de pessoas sob palavras de ordem tais como «Lutar Criar, Poder Popular», «Morte ao PDC, CDS e PPD», «Spínola, Osório, Galvão — execução», etc.

— Na Covilhã manifestam-se conjuntamente a FEC, o MDP, a FSP, PCP e o MES, enquadrando alguns milhares de pessoas.

— Nas Caldas da Rainha o PPD é impedido de se infiltrar numa manifestação popular e destroi-se totalmente a sede do CDS.

— Em Viseu leva-se a efeito uma manifestação Popular exigindo a prisão de Galvão de Melo, instalado num hotel da cidade.

— Em Coimbra é convocada uma manifestação em que se interdita a integração do PPD.

— Em Aveiro é impedida a infiltração numa manifestação popular do PPD com quem se chega a «vias de facto».

— Em Faro organizam-se manifestações populares.

— Em Vila Real de Santo António são apreendidos 9000 contos na alfândega.

— No Porto leva-se a cabo a destruição total das sedes do CDS e PDC.